

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v32n2e25929>

Maria Marina Dias Cavalcante: memórias da trajetória formativa para a docência (1954-2015)

Maria Marina Dias Cavalcante: memories of her training for teaching (1954-2015)

Maria Marina Dias Cavalcante: memorias de formación para la docência (1954-2015)

Lia Machado Fiuza Fialho

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0393-9892>

Maria Aparecida Alves da Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5213-4869>

Susana Loreto Gavilanes Bravo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0948-0947>

Resumo: A pesquisa está inserida no campo da História da Educação e trata da biografia de uma mulher educadora. Objetivou-se compreender historicamente o percurso formativo da professora Maria Marina Dias Cavalcante e da sua atuação profissional finalizada na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Trata-se de uma pesquisa do tipo biográfica, amparada teoricamente nos pressupostos da História Cultural, que foi desenvolvida a partir da metodologia da História Oral, na qual utilizou-se como técnica de coleta da fonte oral, entrevista livre em História Oral. Os resultados apontaram que Marina Dias nasceu no interior do Ceará, na cidade de Monsenhor Tabosa, na década de 1940, e teve acesso às primeiras letras ainda em casa com o auxílio de sua irmã mais velha. Em sua trajetória formativa institucionalizada, iniciou o ensino primário em uma escola multisseriada e, posteriormente, foi transferida para a única Escola Reunida da cidade. Frequentou ainda internatos e Grupos Escolares no interior cearense, além do curso Normal da Escola Doméstica de Fortaleza, que lhe habilitou para o início de sua docência em escolas estaduais. Além disso, cursou Pedagogia, mestrado e doutorado, o que lhe abriu possibilidades para atuar em cargos de docência e gestão em Escolas Estaduais e na Educação Superior, mas foi na Universidade Estadual do Ceará, no curso de graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação, onde se destacou por contribuir com a formação de professores.

Palavras-chave: Marina Cavalcante; biografia; história da educação; mulheres educadoras; trajetória formativa.

Abstract: The research is part of the field of History of Education and deals with the biography of a woman educator. The aim was to gain a historical understanding of the educational background of Professor Maria Marina Dias Cavalcante and her professional work at the State University of Ceará (UECE). This is a biographical study, theoretically based on the assumptions of Cultural History, which was developed using the methodology of Oral History, in which the technique used to collect the oral source was a free oral history interview. The results showed that Marina Dias was born in the countryside of Ceará, in the city of Monsenhor Tabosa, in the 1940s, and had access to her first letters at home with



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

the help of her older sister. In her institutionalized education, she started elementary school in a multiserial school and was later transferred to the only reunited school in the city. She also attended boarding schools and school groups in the interior of Ceará, as well as the Normal course of the Domestic School of Fortaleza, which qualified her to start teaching in state schools. She also studied Pedagogy, a Master's degree and a PhD, which opened up possibilities for her to work in teaching and management positions in state schools and in Higher Education, but it was at the State University of Ceará, in the Pedagogy undergraduate course and in the Postgraduate Program in Education, where she stood out for contributing to teacher training.

Keywords: Marina Cavalcante; biography; history of education; women educators; educational trajectory.

Resumen: La investigación se inscribe en el campo de la Historia de la Educación y aborda la biografía de una mujer educadora. El objetivo fue conocer históricamente la trayectoria educativa de Maria Marina Dias Cavalcante y su actuación profesional en la Universidad Estadual de Ceará (UECE). Se trata de un estudio biográfico, basado teóricamente en los presupuestos de la Historia Cultural, que se desarrolló utilizando la metodología de la Historia Oral, en la que la técnica utilizada para recoger la fuente oral fue la entrevista de historia oral libre. Los resultados muestran que Marina Dias nació en el interior de Ceará, en la ciudad de Monsenhor Tabosa, en la década de 1940, y aprendió las primeras letras en casa con la ayuda de su hermana mayor. En su educación institucionalizada, empezó la primaria en una escuela multiseriada y más tarde fue transferida a la única escuela reunificada de la ciudad. También asistió a internados y grupos escolares en el interior de Ceará, así como a la Escuela Normal de la Escuela Doméstica de Fortaleza, lo que la capacitó para empezar a enseñar en escuelas estatales. También cursó estudios de Pedagogía, maestría y doctorado, que le abrieron posibilidades de trabajar en cargos docentes y directivos en escuelas estatales y en la Enseñanza Superior, pero fue en la Universidad Estatal de Ceará, en la licenciatura de Pedagogía y en el Programa de Postgrado en Educación, donde se destacó por su contribución a la formación de profesores.

Palabras clave: Marina Cavalcante; biografía; historia de la educación; mujeres educadoras; trayectoria educativa.

1 Introdução

A presente pesquisa está situada na área da História da Educação, ou seja, inter-relaciona duas áreas coexistentes, a Educação e a História (Vasconcelos; Fialho; Machado, 2018), mais especificamente, trata da história de uma mulher educadora, com ênfase na sua formação educativa e práticas como professora. Dessa maneira, o estudo aborda a biografia da professora nordestina Maria Marina Dias Cavalcante, doravante apenas Marina Cavalcante, considerando sua trajetória formativa e sua docência na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Os estudos biográficos femininos vêm ganhando espaço no campo científico no tempo presente, principalmente nas pesquisas desenvolvidas na área da História da Educação (Stascxak; Pereira; Costa, 2023), nas quais, por meio da história de vida de educadoras, ampliam-se as discussões relacionadas a contextos educacionais distintos, a partir do estudo da vida dessas mulheres situadas em tempos e espaços diversos, o que permite reconstituir e preservar a contribuição feminina para o desenvolvimento educacional do país. Nessa seara, distante das biografias positivistas que buscam consagrar pessoas com visibilidade social – religiosos, reis,

heróis de guerra, personalidades famosas –, o que se pretende é desenvolver uma biografia hermenêutica de uma pessoa comum, considerando sua atuação como sujeito histórico e contribuições educativas efetivadas (Dosse, 2015).

Silva, Costa e Costa (2021, p. 2) salientam que os estudos biográficos, “[...] ainda que recente no Brasil, já originou[ram] inúmeros artigos científicos qualificados, que lançam visibilidade às mulheres que contribuíram com o cenário educacional de seu tempo, mas foram invisibilizadas”. A título de informação, as autoras localizaram diversas pesquisas biográficas de educadoras cearenses, inclusive, algumas tratam de professoras da UECE, como também é o caso de Marina Cavalcante. Esses estudos biográficos, que contribuíram significativamente para a biografia em tela, foram desenvolvidos pelo grupo de estudos Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO) da UECE, quais sejam: Raquel Dias (Fialho; Santos; Freire, 2020), Margarete Sampaio (Fialho; Costa; Oliveira, 2022), Zelma Madeira (Fialho; Hernández Díaz, 2020), Josete Sales (Fialho; Sousa; Nascimento, 2020); Ana Carolina Pereira (Oliveira; Sousa; Fialho, 2021). Além dessas biografias, é importante ressaltar estudos biográficos em nível nacional como a biografia de Jandira Pinto (Nascimento; Machado; Almeida, 2020), Fátima Corrêa (Sousa; Cavalcante, 2020), Marlene Piauilino (Sousa; Andrade, 2022).

Marina Cavalcante é professora aposentada da UECE, integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), contribuindo especialmente na linha de pesquisa Formação, Didática e Trabalho Docente, na qual é referência nacional. Marina contribuiu com a formação de professores e de pesquisadores na UECE desde 1987, quando se efetivou mediante concurso público para a área de Didática e Prática de Ensino, inclusive atuando na coordenação do curso de Pedagogia.

Como problema de pesquisa, questionou-se como se constituiu historicamente sua trajetória formativa para que Marina Cavalcante tornasse-se professora do ensino superior na década de 1980, período em que esse espaço era ocupado majoritariamente por homens. A fim de responder ao questionamento, elaborou-se uma investigação com o objetivo de compreender a trajetória formativa e de atuação profissional da professora Marina Cavalcante que lhe possibilitou contribuir com a educação cearense e ter reconhecimento nacional. Diante disso, importa destacar que não pretendemos abarcar toda a vida da professora Marina nessa

pesquisa, no entanto, a justificativa para o recorte temporal, ou seja, 1954 a 2015, é que em 1954, Marina inicia seu processo de escolarização formal e em 2015, aposenta-se pela UECE.

A pesquisa do tipo biográfica (Dosse, 2015) é amparada teoricamente pela História Cultural (Burke, 1992) e, metodologicamente, pela História Oral (Alberti, 2005), utilizando-se de uma entrevista livre com a biografada como principal coleta de fontes. Considerou-se que suas memórias, permeadas por lembranças e esquecimentos, tornou-se um terreno fértil para a fundamentação de sua própria história de vida (Bosi, 1987).

A relevância em biografar a professora Marina Cavalcante dá-se por sua contribuição educativa singular para a História da Educação no estado do Ceará. Através da narrativa de sua biografia, é possível ampliar a compreensão, refletir criticamente e reelaborar narrativas históricas, já que sua trajetória formativa perpassa momentos distintos de reformas no contexto educacional cearense, tanto no interior do estado como na capital. Ademais, ao registrar e preservar a história de mulheres, contribui-se para a igualdade de gênero nas pesquisas biográficas, historicamente marcadas por figuras masculinas (Rago, 1997).

O presente estudo está dividido em cinco sessões, sendo esta primeira a introdução, na qual se apresentam os principais elementos iniciais de uma pesquisa científica, por exemplo, a problemática, o objetivo e a sua relevância. A segunda discorre acerca do processo metodológico, assegurando clareza ao percurso científico empreendido para o desenvolvimento da pesquisa. A terceira trata da trajetória formativa da biografada, percorrendo sua educação familiar e institucionalizada. A quarta destaca suas práticas educativas com ênfase na sua atuação na UECE. Por fim, as considerações finais, em que se retoma o problema do estudo, respondendo-o sucintamente a partir dos resultados da pesquisa, apontando também limitações e sugestões para novas pesquisas.

2 Metodologia

Sabe-se que a História das Mulheres ao longo dos séculos passados foi majoritariamente marcada pela atividade doméstica, de modo que elas eram preparadas para o casamento, cuidado com os filhos e com a casa (Fialho *et al.*, 2024). Essa vida privada fazia parecer que as mulheres tinham pouca importância

para a História, cenário que foi sendo paulatinamente revertido com a inserção feminina no mercado de trabalho, no qual o exercício da docência era uma das atividades concebidas como plausíveis às mulheres (Almeida, 1998). De tal modo, a narrativa histórica biográfica foi constituída por personagens masculinos, invisibilizando as contribuições femininas para a história, inclusive, para a História da Educação, campo privilegiado em que as mulheres destacavam-se protagonizando o ensino, seja como professoras leigas ou como normalistas (Perrot, 1998).

No final do século XX, a História amplia a compreensão sobre fontes e sujeitos históricos, considerando que todas as pessoas são importantes, e tudo o que pode contar a história humana no tempo são fontes históricas, opondo-se à História Tradicional, que se pauta em fontes oficiais e suposta neutralidade científica. Essa corrente da Nova História começa a ser difundida com a Escola dos Annales, especificamente a partir de sua terceira geração, em meados da década de 1980, quando se ampliam as novas formas da escrita histórica, pois esta pode ser contada a partir de novos problemas, novas abordagens, novos sujeitos e, principalmente, novas fontes (Le Goff, 1993). De acordo com Burke (1992, p. 12), “[...] os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas”. Assim, tornou-se possível registrar cientificamente a História das Mulheres, escrita a partir dessa nova perspectiva historiográfica.

Partindo desse ponto, os estudos biográficos retornam à discussão, mas, dessa vez, não trazendo apenas uma historiografia que tratava dos grandes feitos dos homens ilustres, políticos ou do clero; traziam também a história de vida de sujeitos considerados comuns, que eram invisibilizados pela história tradicional (Burke, 1992). A biografia, como afirma Dosse (2015, p. 123), “[...] é um gênero antigo, que disseminou tendo por base a noção de *bioi* (*bios*) e não se ocupa de retrair apenas a ‘vida’, mas também a ‘maneira de viver’”, ou seja, a biografia aqui desenvolvida não foca especificamente na vida da professora Marina Cavalcante para torná-la figura ilustre, mas busca compreender nuances dos diferentes contextos educacionais por ela vivenciados, refletindo sobre a formação educativa das mulheres do final do século XX.

Para o desenvolvimento da biografia, utilizou-se como suporte metodológico a História Oral, pois, como salientam Fialho *et al.* (2020, p. 5), “[...] esta metodologia

que trabalha fundamentalmente com depoimentos, testemunhos ou entrevistas orais permite o historiador elaborar análises individuais e coletivas e desenvolver compreensões específicas, com maior riqueza de detalhes”. Como principal fonte, a narrativa da biografada foi utilizada baseada em suas memórias, uma vez que só se pode narrar fatos e acontecimentos sobre a própria vida ou a vida de outras pessoas a partir do que se tem arquivado enquanto memória, como aponta Le Goff (2003, p. 471): “[...] a memória na qual cresce a história, por sua vez, a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.

A narrativa da biografada foi coletada mediante uma entrevista livre, como orienta Alberti (2005, p. 102): “[...] numa situação de entrevista, que se encaminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistadores, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado”. Importa ressaltar que tal entrevista foi realizada no dia 12 de março de 2022, às 9 horas da manhã, em sua residência, e teve duração de uma hora e 30 minutos. A princípio, foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com a finalidade de explicar o objetivo da entrevista, bem como a utilização desta em pesquisas futuras, a metodologia, a forma de participação, os possíveis riscos e a liberdade de recusa, pois tratava-se de uma entrevista voluntária. Em seguida à leitura do TCLE e esclarecimentos, a professora assinou o termo e iniciou-se a gravação que, posteriormente, foi transcrita, textualizada e validada pela professora Marina Cavalcante. No processo de validação, ela realizou a leitura e análise da transcrição e teve a oportunidade de fazer correções e realizar acréscimos e retiradas.

Cumprir destacar também que esta pesquisa possuía autorização prévia do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, com Parecer número 2.585.705/2018, por se integrar a um projeto maior denominado “Educação e educadoras do Ceará do século XX: práticas, leituras e representações”, o qual busca biografar várias outras mulheres professoras, sempre respeitando-se todos os aspectos éticos que envolvem pesquisas com seres humanos.

3 Percorso formativo de Marina Cavalcante

Marina Cavalcante é filha de Waldemar Dias Cavalcante e Josefa Costa Cavalcante. Seu pai era comerciante e sua mãe, dona de casa. Marina é a terceira

filha de uma família de sete irmãos, sendo seis mulheres e um homem. Nasceu em 1949 no sertão cearense, no município de Monsenhor Tabosa¹, especificamente no distrito de Pendência, como é ressaltado pela biografada: “Pendência é o lugar que fica pendente no ‘pé’ do pico em Monsenhor Tabosa, cidade localizada na serra das matas, conhecido atualmente como o pico mais alto do Ceará” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

Com o intuito de buscar melhores condições de vida e escolarização para os filhos, a família de Cavalcante mudou-se para a sede de Monsenhor Tabosa quando a biografada tinha 4 anos de idade. Ela relata: “Fomos para Monsenhor Tabosa por questão mesmo de emprego. A gente precisava estudar; naquele tempo, não tinha escola. A escola era multisseriada na casa da professora, então eu comecei a estudar com minha irmã mais velha, a Maria” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

O processo de alfabetização de Marina Cavalcante iniciou-se ainda em casa, com o auxílio de sua irmã mais velha, que já era alfabetizada. É interessante destacar que esse contato com as primeiras letras em domicílio, seja pelos pais, irmãos ou preceptor, dava-se em decorrência de algumas dificuldades relacionadas ao ensino ofertado naquele período como, por exemplo, a distância entre a residência do aluno e as instituições escolares (Gondra; Schueler, 2008). Para iniciar a escolarização formal, Marina Cavalcante teve que mudar de domicílio para ser matriculada em uma escola multisseriada que ficava próxima de sua nova casa: “A escola era multisseriada na casa da professora, que ficava em frente à nossa casa, com uma professora que se chamava ‘Prezinha’, de quem eu tenho muitas boas lembranças, uma mulher muito paciente e forte também” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

É pertinente salientar que ao longo do processo de escolarização no Brasil, existiram várias e distintas formas de organização educacional, uma delas são as escolas multisseriadas que tiveram início desde o Império e que perdurou por muitos anos (Faria Filho; Vidal, 2000), e por todo território nacional. No Ceará, não foi diferente, as escolas multisseriadas “[...] eram comuns no interior do Ceará, na década de 1950, as escolas isoladas com apenas uma professora, que lecionava da alfabetização ao quarto ano primário” (Fialho; Carvalho; Nascimento, 2021, p. 326).

¹ Pequeno município situado no sertão cearense, localizado a 305 quilômetros da capital, Fortaleza, que possui uma população de aproximadamente 17 mil habitantes (IBGE, 2021).

Essas escolas multisseriadas e isoladas eram vistas, na época, como uma boa oportunidade de cursar o primário, tendo em vista que, mesmo atendendo a um número reduzido de crianças e com poucos profissionais, “[...] pode ser caracterizada como política de democratização do acesso à educação, ainda que tenha relegado a segundo plano as necessárias opções pedagógicas” (Parente, 2014, p. 58).

Após ser alfabetizada na escola multisseriada na casa da professora “Pretinha”, surgiu em sua cidade, em 1954, a Escola Reunida Padre Inácio Américo Bezerra que, por sua vez, ainda não era uma escola oficializada, mas já contava com as séries sistematizadas, ou seja, separadas pela idade dos alunos.

Depois nasceram as Escolas Reunidas Padre Inácio Américo Bezerra, não era ainda uma escola oficial. O Padre Inácio era filho de Monsenhor Tabosa. Ele trouxe suas sobrinhas e fundou a escola. Escolas Reunidas Padre Inácio Américo Bezerra e lá nós estudamos. Passamos da escola multisseriada e já fomos para uma escola com as séries já sistematizadas. Lá já era separado, Carta de ABC, Cartilha, 1º livro, 2º livro, 3º livro (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

É interessante destacar que as Escolas Reunidas aconteciam a partir da “reunião” das Escolas Isoladas em um único estabelecimento, já seguindo um modelo de seriação, que se assemelhava aos grupos escolares e que tinha como principal objetivo “[...] o melhoramento das condições pedagógicas, higiene dos ambientes escolares, classificação dos alunos por nível e desenvolvimento, além de facilitar a inspeção escolar” (Santos, 2013, p. 3), no entanto, “[...] ainda que concebidas para funcionarem como escolas graduadas, as escolas reunidas consolidaram-se como um modelo simplificado, uma adaptação dos grupos escolares a um padrão de escola de baixo custo” (Souza, 2010, p. 162). O ensino primário, nessa época, era fruto da Reforma Capanema, que estabelecia Leis Orgânicas para cada modalidade de ensino, sendo a do ensino primário assegurado pelo Decreto-Lei 8.529, de 2 de janeiro de 1946 (Shiroma; Moraes; Evangelista, 2011).

Marina relembra que seus pais tiveram atenção especial com a escolarização de seus filhos. Ainda que seu pai fosse semianalfabeto e sua mãe totalmente analfabeta, eles almejavam que os filhos seguissem uma trajetória letrada, diferente principalmente da realidade em que se inseriam.

Meus pais sempre tiveram muito cuidado com o estudo. Minha Mãe era analfabeta completamente; meu pai ainda escrevia o nome e lia. O meu avô materno era daqueles homens que diziam que mulher era para ficar em casa e tomar conta da casa e criar os filhos, então minhas tias, minha avó e minha

mãe, nenhuma sabia ler (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

A compreensão do avô materno de Marina Cavalcante ia ao encontro do que era esperado a respeito do papel da mulher até meados do século XX, principalmente nas pequenas cidades interioranas do Ceará, onde o patriarcalismo, o conservadorismo e o machismo caracterizavam as relações de gênero. O costume que era mantido sobre o papel feminino era apenas o de cuidar das atribuições domésticas, dos filhos e do marido, enquanto ao homem cabia o sustento financeiro do lar. Como salienta Scott (2012, p. 24), na década de 1960, “[...] apesar de visões alternativas, ainda era tido como altamente desejável que a mulher se casasse, tivesse filhos e pudesse se dedicar integralmente à família depois de casada”.

Durante o último ano do curso da escolarização primária de Marina Cavalcante, surgiu a primeira escola pública oficial da cidade, implantada a partir dos esforços do deputado Vicente Ribeiro do Amaral, que era casado com uma moça de Monsenhor Tabosa. Supõe-se que, com a chegada da escola oficial, a Escola Reunida Padre Inácio Américo Bezerra, que ainda não tinha sido oficializada, foi extinta, já que todos os alunos foram matriculados na escola pública Vicente Ribeiro do Amaral². Assim, após a conclusão do ensino primário, por não ter mais possibilidade de continuar seus estudos em sua cidade, a biografada, juntamente com sua irmã mais velha, mudou-se para uma cidade vizinha, São Benedito, onde se ofertavam melhores condições relacionadas ao contexto educacional, com cursos para a realização do exame de admissão e, posteriormente, se aprovada no exame, o ingresso no ensino secundário.

Nessa perspectiva, o exame de admissão foi utilizado no Brasil por quatro décadas, iniciado em 1931 e extinto em 1971. Ele tinha o objetivo de selecionar os alunos para o ingresso no ensino secundário, ou seja, o curso ginasial, já que não havia vagas para todos os que o almejavam. De acordo com Abreu e Minhoto (2012, p. 108), no início, o exame contava com provas “[...] escritas de Português e Aritmética, bem como provas orais, das mesmas disciplinas e de Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais. As regras e programas eram definidos pelo Departamento Nacional de Ensino”. O exame restringia o acesso ao ensino secundário e gerava exclusão, especialmente para os moradores do interior do estado. Em relação ao exame

² A escola foi nomeada “Escola Vicente do Amaral” em homenagem ao deputado de mesmo nome (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

realizado pela professora Marina, na década de 1960, já não existiam as provas orais, como ela relembra “[...] eu estudei durante o ano inteiro um livro que tinham várias matérias e, no final do ano, fiz a prova e passei, era prova escrita mesmo, aí eu ingressei no ensino ginasial [...]” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

Nessa época, seu pai já atuava como comerciante. Ele comprava mercadorias vindas em caminhões de Fortaleza para Monsenhor Tabosa semanalmente e ficava responsável pela revenda nas feiras das cidades circunvizinhas do interior. Já havia conseguido alcançar melhores condições econômicas e poderia custear os estudos das filhas em escola de freira que acolhia moças do interior para estudarem, numa cidade próxima, chamada São Benedito, onde também mantinha comércios.

Dessa maneira, aprovada no exame de admissão, Marina Cavalcante iniciou o curso ginasial no internato Ginásio da Virgem Pedrosa, em São Benedito, como ela explica:

E aí, naquele tempo, nós tínhamos internatos e ficamos internas, minha irmã mais velha e eu. A gente ficava lá. Morava lá durante o período escolar. As aulas naquele tempo começavam em março, aí era março, abril, maio e junho. Só eram 180 dias letivos no ano. Nós íamos no final de fevereiro ou no início de março e ficávamos o primeiro semestre. Em julho a gente vinha para casa para as férias e voltava em agosto, até dezembro. Lá era uma casa, a casa das freiras, então elas tinham todo um ambiente preparado para nos receber; nós éramos muitas. Na nossa época, eram mais de 50 meninas internas, todas adolescentes. Algumas fazendo o ginásio e outras já fazendo a Escola Normal (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

Ela explica como se dava a permanência no internato para cursar o ensino secundário. Todas as moças passavam o período letivo que correspondia a 180 dias anuais no internato que, como ela define, era uma “casa das freiras”, e nas férias iam para as casas das suas famílias. Além da educação sistematizada, contava-se também com a educação informal, caracterizada pela severa vigilância das religiosas relacionada às moças, valorização do silêncio e da obediência, formação religiosa mariana para servir e controle sobre os corpos.

Apesar de o modelo de educação proposto nos internatos ser caracterizado pela rigidez e vigilância sobre o corpo e a moral das internas, ele era bem-visto como espaço formativo para as mulheres (Magalhães, 2002). Todavia, a escolha pelo internato, no caso de Marina Cavalcante, decorreu por essa possibilidade ser considerada a mais viável por seus pais para conseguir prover o prosseguimento nos estudos às filhas. O internato Ginásio da Virgem Pedrosa, além de ofertar o ensino

secundário, também contava com o curso normal, possuía preço acessível e não demandava percorrer longas distâncias diariamente para se chegar à escola.

Antes de concluir a quarta série ginasial, contudo, os pais de Marina Cavalcante decidiram que ela iria concluir essa etapa formativa em Fortaleza, tanto pelo fato de o ensino na capital do estado ser considerado de melhor qualidade, como pelo fato de que o internato estava prestes a encerrar suas atividades. Isso decorrente de as mensalidades do internato possuírem um valor pequeno e as freiras não estarem conseguindo mantê-lo como deveria, pois não estava sendo possível oferecer os serviços de educação, a estada e a alimentação das internas com o valor cobrado. De tal modo, a instituição optou por continuar com a escola apenas na modalidade externa de escolarização, sem receber estudantes internas. Importa salientar também que, já na década de 1960, os internatos começaram a diminuir suas quantidades não só por questões financeiras, mas também pela expansão do sistema oficial de ensino regular nas escolas.

Na capital cearense, inicialmente morando na casa de alguns parentes, Marina Cavalcante ingressou no Colégio Rui Barbosa para finalizar o ensino secundário, uma vez que em São Benedito ela já tinha concluído a primeira e segunda séries ginasiais, mas sua irmã optou por não acompanhá-la na mudança de residência. Ela relata que nessa época já existiam os pensionatos em Fortaleza, no entanto, como ainda era menor de idade, não era possível a hospedagem, haja vista que os pensionatos só aceitavam moças maiores de 18 anos, como explica:

[...] naquele tempo começaram a surgir os pensionatos, ele dava a pensão, mas não dava os estudos, a gente pagava, mas lá eles só aceitavam maior de idade, porque eles não se responsabilizavam por ninguém. Como eu era menor, eu não podia ir para pensionato (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

Quando a biografada iniciou o segundo grau, com o Curso Normal, sua irmã maior de idade resolveu migrar para Fortaleza, logo as duas mudaram-se para um pensionato na Avenida Guilherme Moreira, denominado Pensionato Nossa Senhora de Fátima. Mesmo Marina Cavalcante ainda não tendo a maioridade, sua irmã assumiu a responsabilidade pelas duas. De acordo com Conceição (2012), os pensionatos eram locais que contemplavam moradia e alimentação para muitas moças vindas principalmente de cidades interioranas para residirem na capital, com a

intenção de dar continuidade aos estudos que não eram ofertados em suas cidades de origem.

As irmãs concluíram o ensino Normal na Escola Doméstica São Rafael, uma instituição que, a princípio, tinha a função de formar principalmente as moças da elite fortalezense para serem “donas de casa”. Com efeito, com o passar do tempo, dedicou-se a constituir-se escola regular de ensino primário e secundário. De acordo com Lopes (2012), a Escola Doméstica São Rafael foi fundada em 24 de outubro de 1936 pelas Filhas de Caridade da Associação de São Vicente de Paulo, que tinha como objetivo a formação integral da juventude feminina, bem como a educação secundária do primeiro ciclo, onde eram ministrados cursos especiais de artes femininas. Em 1953, o Curso Doméstico equiparou-se ao Curso Ginásial e, 10 anos depois, foi criado o Curso Normal. Já em 1974, a escola passou a ser denominada Escola São Rafael de 1º e 2º graus.

Após a conclusão do Ensino Normal, com 19 anos, a biografada retornou à sua cidade natal e já iniciou a docência em uma turma de alfabetização, na mesma escola em que havia sido aluna, ou seja, a Escola Vicente Ribeiro do Amaral mediante contrato de trabalho. Assim explica: “Eu voltei para Monsenhor Tabosa quando terminei (o Curso Normal). Fiquei dois anos lá como professora e aí foi na Escola Vicente Ribeiro do Amaral que eu fui trabalhar, trabalhando com crianças na alfabetização” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

É importante destacar que o retorno de Marina Cavalcante para sua cidade de origem após concluir o ensino Normal em Fortaleza era uma prática comum às moças daquela época, “[...] já que as famílias que tinham melhores condições financeiras investiam na formação das filhas nos colégios internos da capital, as quais, em seguida, retornavam ao lar com formação educacional diferenciada” (Fialho; Sousa, 2021, p. 300). Dessa maneira, investia-se na formação com a certeza de que no retorno haveria posto de trabalho como professora pela carência de docentes habilitados para o exercício dessa atividade profissional.

Destarte, Marina Cavalcante não permaneceu por muito tempo em Monsenhor Tabosa. Ainda que seu pai tenha ficado conhecido como comerciante, entrado para a política e tornando-se o prefeito da cidade, ela resolveu voltar para a capital com o intuito de cursar uma faculdade, o sonhado curso superior. Por seu pai ter condições financeiras, uma vez que era comerciante e, também, político no interior

do Ceará, Marina, juntamente com suas três irmãs mais novas e sua mãe, mudaram-se para Fortaleza, como relata: “[...]nós viemos aqui pra Fortaleza. Eu vim com as minhas irmãs mais novas que são a Fátima, a Rosinha e a Gláucia, mas só que a minha mãe veio nos deixar e disse que não tinha coragem de deixar a gente sozinha e aí ficou aqui conosco [...]” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022). Instaladas em Fortaleza, as irmãs buscavam escolas e Marina Cavalcante tentava conciliar um novo trabalho com o ensino superior, como explicitado na seção seguinte.

4 Trajetória docente de Marina Cavalcante

Retornando a Fortaleza, Marina Cavalcante iniciou sua docência em uma instituição particular, o Colégio Capistrano de Abreu, no qual ministrava suas aulas no período da manhã e, em outra instituição pública, no período da tarde, a Escola Monsenhor Hélio Campos, no bairro Pirambu. Para ingresso na primeira instituição citada, ela fez uma seleção e foi aprovada, já na segunda, como era estadual, conseguiu transferir seu contrato de trabalho de Monsenhor Tabosa para Fortaleza, como ela relembra:

Era contrato de trabalho, porque naquele tempo o governo do estado era o Virgílio Távora³ e ele facilitava esse tipo de coisa para quem queria estudar. Eu queria estudar e meu pai também era político, tinha as facilidades, e aí eu trabalhava pela manhã no Capistrano de Abreu e à tarde na Escola Pública Monsenhor Hélio Campos, lá no Pirambu, porque eu morava ali na Vila São José. Alugamos um apartamento e moramos lá, e eu fui trabalhar no Monsenhor Hélio Campos, que era próximo da minha casa. (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

Nesse primeiro ano de residência em Fortaleza, que era em 1971, Marina Cavalcante não conseguiu ingressar na faculdade por ser uma época em que ela considerou difícil, haja vista que sua mãe havia falecido no mês de junho daquele corrente ano, vítima de um aneurisma cerebral. Em 1972, a biografada dedicou-se mais aos estudos preparatórios para prestar vestibular e conseguiu aprovação para o curso de Pedagogia na UECE que, na época, localizava-se na Avenida Luciano

³ De acordo com o Instituto Ceará, Virgílio Távora foi deputado federal pelo Ceará (1950-1954; 1954-1958; 1966), secretário geral da executiva nacional da União Democrática Nacional (UDN), ministro da Viação e Obras Públicas do Gabinete Parlamentarista da República, senador pela Aliança Renovadora Nacional (Arena) (1971-1978; 1983-1991) e membro da Assembleia Nacional Constituinte. Foi relator de vários projetos importantes, a exemplo da Telebras, Petrobras e Perimetral Norte. Foi governador do Ceará por duas vezes (1963-1966; 1980-1982). Informação disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/socio/virgilio-de-moraes-fernandes-tavora/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Carneiro, onde começou uma rotina que dividia seu tempo durante o dia no trabalho nas duas escolas já citadas anteriormente e, à noite, cursava o ensino superior.

Após o término do curso de Pedagogia, Marina Cavalcante decidiu sair do Colégio Capistrano de Abreu para assumir a coordenação do Curso Normal do Colégio Oliveira Paiva. Ainda nesse período, a biografada fez uma seleção para ser supervisora da TV Educativa, tendo sido aprovada. É importante salientar que a TV Educativa do Ceará foi criada em meados da década de 1970 e tinha a finalidade de ampliar o acesso de primeiro e segundo graus em Fortaleza, bem como no interior do Ceará, principalmente a partir do Telensino (Pereira, 1979).

Marina Cavalcante ressalta que o campo de atuação do pedagogo naquela época era amplo e que, por não ter muitos profissionais formados, havia maior facilidade nas aprovações em seleções, como narra: “Ser pedagogo naquele tempo, a gente tinha muito campo de emprego, era muito, tudo muito amplo e tinha pouca gente formada” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

No ano de 1981, Marina Cavalcante ficou sabendo mediante uma professora amiga sua que havia a possibilidade de fazer um mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na linha de Supervisão e Currículo, isso porque havia um convênio entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com a UECE, no qual o órgão de fomento disponibilizava bolsas de mestrado para os professores do ensino superior estadual, no entanto, como ela fazia parte da rede básica de ensino estadual, não se inseria no perfil para a contemplação da bolsa. Ainda assim, pela falta de maior incentivo aos professores universitários do estado do Ceará, que ganhavam pouco e não eram cobertos com plano de cargos e carreira que assegurasse melhor remuneração aos mestres, a realização de um mestrado não agregava sentido financeiro, as bolsas fornecidas não foram preenchidas, surgindo, assim, a oportunidade de Marina Cavalcante iniciar a pós-graduação *stricto sensu*, como ela destaca:

Nesse tempo, bolsa era fácil, não era essa dificuldade que tem agora. As bolsas estavam começando a chegar e faziam era voltar, porque não tinha quem quisesse. Aí eu me lembro que, com a nossa pró-reitora de pesquisa, a professora Maria Luiza Chaves, nós fomos conversar e explicar que nós éramos supervisoras da escola pública (interessadas), porque a prioridade era para os professores da UECE, mas os professores não queriam ir porque não tinha plano de carreira, não tinha estímulo nenhum; a maioria era pessoa já mais idosa, então não tinha jovens professores na UECE naquele tempo. Então, nós fomos, e a Maria Luíza consultou a Capes, e nós ganhamos bolsa para ir para São Paulo. A Capes pagava o curso e dava uma bolsa. Então,

nós fomos para São Paulo em 1981, para a PUC de São Paulo (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

Com a concessão da bolsa, bem como com sua remuneração estadual, pois havia conseguido a licença remunerada, Marina Cavalcante mudou-se para São Paulo para cursar o mestrado na PUC-SP, onde ela ressalta que foi um período de muito aprendizado, inclusive rememora com orgulho que foi aluna de Paulo Freire: “Nessa época, eu fui aluna do professor Paulo Freire. Ele estava voltando do exílio. Em 1984, nós tivemos a reabertura política do Brasil. Ele, o Fernando Henrique, o Franco Montoro, o Mário Covas, todos estavam voltando do exílio, e eles trabalhavam na PUC” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

Como se sabe, o período da ditadura militar no Brasil perdurou entre 1964 e 1985, todavia os anos de maior repressão, também conhecidos como anos de chumbo, estavam entre o fim de 1968, com o decreto do Ato Institucional 5 (AI-5) e o final do Governo Médici, em março de 1974. Muitos intelectuais, artistas e adversários políticos de classe média foram exilados, ou seja, para fugir das perseguições, torturas e assassinados, viajavam para outros países. Boa parte retornou ao Brasil quando se sentiu segura após o regime autoritário (Fialho; Carvalho; Nascimento, 2021).

Mesmo gostando da experiência do curso, a biografada relembra que não conseguiu adaptar-se a São Paulo e resolveu retornar para Fortaleza após um ano do curso: “Eu não gostava, não me adaptei, mas ainda fiquei um ano. Quando foi no final do ano, a minha irmã, que era dentista, morreu, em 1981, então, quando ela morreu, eu fiz um ‘exame’ interior e eu revolvi voltar, deixei o mestrado” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022). Para finalizar o mestrado, ela conseguiu ser matriculada no mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), finalizando o curso somente em 1986.

Após o término do mestrado, no ano de 1987, Marina Cavalcante faz o concurso para docente efetiva da UECE, para o qual foi aprovada para lecionar na área de Didática e Prática de Ensino, atuando concomitantemente na TV Educativa. Nessa época, acontecia a interiorização da UECE, sendo criados os *campi* de Crateús, Itapipoca e Quixadá, e ela optou por trabalhar em Crateús, porque o município ficava próximo de Monsenhor Tabosa, onde seu pai residia, como relata:

Quando foi aberto, só existia Iguatu, e aí foram criados Crateús, Itapipoca e Quixadá. Foi nessa época que a UECE expandiu a interiorização e ela se instalou como universidade capilar no estado do Ceará, e eu fiz o concurso

para Crateús, porque meu pai, nessa época, já tinha voltado para Monsenhor Tabosa, já tinha casado com a segunda esposa, e eu ficava perto dele. Fiquei indo para Crateús de 1987 a 1992. Eu trabalhava pela TV Educativa de segunda a quarta-feira aqui e, quando era quarta-feira à noite ou quinta de manhã, eu ia para Crateús, porque aí eu trabalhava lá quinta à noite, sexta à noite e sábado de manhã. Eu tinha 40 horas (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março, 2022).

Um ponto importante a ser destacado é o fato de a professora Marina conseguir conciliar o trabalho em duas instituições, com públicos educacionais diferentes, uma vez que um era educação básica e outro, superior, bem como em locais distintos e distantes, uma vez que Crateús localiza-se a aproximadamente 350km da capital cearense. Essa interiorização da UECE citada por Marina Cavalcante não aconteceu inicialmente com a criação de faculdades no interior cearense, deu-se apenas com cursos isolados, como ela denomina: “Era como se fosse uma sala do curso de Pedagogia daqui de Fortaleza, mas lá em Crateús” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022). Somente em 1992, durante a reitoria do professor Paulo Petrola, foram criados os prédios das faculdades nos municípios que tinham polos UECE.

Importa salientar que a criação dos polos nos interiores em 1987 possibilitou que, em 1992, os professores que lecionavam no interior pudessem ser removidos para a capital, onde a maioria morava, pois já havia muitos professores formados no interior com os Cursos Isolados, mediante a formação que era ofertada nos polos. Ainda em 1987, Marina Cavalcante casou-se e teve uma filha, dedicando-se à família e ao trabalho. Passados 11 anos da união, separou-se em 1998, quando começou a pensar em cursar um doutorado.

Eu só fui fazer meu doutorado em 2000, depois que eu me separei, porque meu marido era muito ciumento. Aí fiz meu doutorado aqui em Fortaleza, sempre trabalhando na UECE. Nesse tempo, eu já tinha sido coordenadora do curso de Pedagogia, já tinha passado por algumas funções lá, mas sempre em sala de aula com Didática e Prática de Ensino. Tinha uns grupos de estudos que a gente fazia. Separei-me em 1998, foi nessa época que não deu mais certo. Fiz meu doutorado já tão tarde que eu não tive mais direito a afastamento, porque eu já estava com idade para me aposentar, porque eu trouxe meu tempo da escola pública, então a universidade não me deu (afastamento). Mas nós tínhamos uma diretora do Centro de Educação que era muito compreensiva, a professora Lúcia Helena, e ela dava muito valor a quem queria estudar e me ajudou muito. Nessa época, eu fui vice-diretora dela; eu estava no cargo de gestão, mas eu só ia lá quando ela precisava. Fiz meu doutorado muito ajudada por ela nesse sentido, mas não deixei a sala de aula, fiquei meio afastada só da gestão (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022).

Mesmo não conseguindo afastamento de suas atribuições laborais, Marina Cavalcante concluiu seu doutorado na UFC em 2004 graças às facilidades conseguidas com negociações internas, afinal, a biografada já tinha sido coordenadora do curso de Pedagogia da UECE e estava vice-diretora do Centro de Educação, tendo sua contribuição educativa reconhecida pelos pares na instituição. Então, a partir de 2004, o Centro de Educação da UECE criou o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), com duas linhas de pesquisa: “Didática e Trabalho Docente” e “Política Educacional, Formação e Cultura Docente”, e Marina Cavalcante foi credenciada ao referido Programa em 2008, pois, de acordo com ela: “Para entrar numa pós, você precisa ter um amadurecimento pessoal e intelectual, então em 2008 eu entrei; o doutorado tinha sido criado, aí eu entrei na linha da Didática” (Marina Cavalcante, entrevista em 12 de março de 2022). Atualmente, Marina Cavalcante é aposentada da UECE, mas continua sua contribuição na pós-graduação, tanto na docência nas turmas de mestrado e doutorado como na pesquisa, desenvolvendo projetos que contemplam orientações de iniciação científica, mestrado e doutorado na área da Didática e Formação Docente, continuando seu protagonismo na formação de recursos humanos no Ceará.

5 Considerações finais

A pesquisa aqui desenvolvida buscou compreender o percurso formativo e de atuação docente da professora Marina Cavalcante. Na interface, mostrou-se o difícil acesso à educação formal para as meninas que moravam nas cidades do interior do Ceará na segunda metade do século XX, bem como as mudanças na organização do sistema de ensino, perpassando por escolas isoladas multisseriadas, grupos escolares, internatos religiosos, dentre outros.

Com o auxílio da metodologia da História Oral, mediante a narrativa da biografada como principal substrato reconstituído de memórias, tornou-se possível desenvolver esta escrita biográfica, com ênfase na trajetória de vida de Marina Cavalcante e seu contexto educacional. Os resultados demonstram que a nordestina Marina Cavalcante foi uma menina que nasceu no sertão cearense e teve o contato com as primeiras letras por meio da sua irmã mais velha, que naquele momento, já era alfabetizada. Sua escolarização sistematizada iniciou em uma escola multisseriada, na casa de uma professora em frente de sua residência em Monsenhor

Tabosa, posteriormente seguiu para o ensino primário em escola seriada não oficializada, para depois concluir o primário na primeira escola pública de sua cidade, denominada Escola Estadual Vicente do Amaral. Já o curso ginasial foi realizado em duas realidades distintas, no primeiro momento, no Internato das Irmãs Vicentinas, na cidade de São Benedito, até a segunda série ginasial e, no segundo momento, as duas últimas séries, no Colégio Rui Barbosa, em Fortaleza. Além disso, Marina Cavalcante cursou o ensino Normal na Escola Doméstica São Rafael, também na capital cearense.

Sua trajetória docente foi permeada de mudanças, principalmente porque os profissionais da educação adequam-se às mudanças ocorridas no contexto educacional. Marina iniciou sua docência em Monsenhor Tabosa, em escolas estaduais mediante contrato de trabalho cedido por políticos da época. Apesar de mudar-se para Fortaleza, permaneceu com seu contrato, já que era estadual, além de lecionar em escolas particulares.

Teve a oportunidade de cursar mestrado na PUC, em São Paulo, com bolsa de estudos, mas não se adaptou à cidade grande, considerando que São Paulo já era considerada uma metrópole com relação à capital cearense, sendo assim, regressou para Fortaleza, de modo que só foi concluir o curso em 1986 na UFC. A conclusão do mestrado possibilitou-lhe a aprovação no concurso público para professora do curso de Pedagogia na UECE, onde contribuiu ministrando as disciplinas de Didática e Prática de Ensino, coordenando o curso e na vice-direção de centro.

Ao ocupar cargos de professora e supervisora na educação básica, atuando em escolas e na coordenação da TV Educativa na década de 1980, no interior e na capital, bem como docente no ensino superior nos anos seguintes, foi conseguindo destaque entre seus pares e respeito da comunidade educativa por seu trabalho comprometido. Marina Cavalcante contribuiu fortemente com a formação de professores no Ceará, especialmente por intermédio de sua atuação no PPGE-UECE, protagonizando uma trajetória pouco visibilizada, todavia de muito relevo para a educação cearense.

Importa destacar que, por se tratar de uma pesquisa de cunho biográfico, há algumas limitações, como o fato de não permitir generalizações, uma vez que possui particularidades da história de vida da professora biografada, no entanto revela também a importância de registrar, preservar e valorizar histórias femininas, visto que

as mulheres foram invisibilizadas, relegadas ao esquecimento e tiveram suas contribuições menosprezadas, tidas como menos importantes. De tal modo, a biografia permitiu conhecer as dificuldades educativas que impossibilitaram a muitas outras Marinas concluir a escolarização básica e posicionarem-se em postos de trabalho que lhe permitissem autonomia e uma vida independente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Geysa Spitz Alcoforado de; MINHOTO, Maria Angélica Pedra. Política de admissão ao ginásio (1931-1945): conteúdos e forma revelam segmentação do primário. **Revista Histedbr**, Campinas, n. 46, p. 107-118, jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640074/7633> . Acesso em: 11 jan. 2025.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Unesp, 1998.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1987.
- BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **Internar para educar: colégios-internatos no Brasil (1840-1950)**. 2012. 323 f. Tese (Doutorado em História Social do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2015.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista brasileira de Educação**, n. 24, Mai/Jun/Jul/Ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbedu/a/rjhxvFpJQ97LDYVJxkXybbD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 abr. 2025.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza *et al.* O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Revista Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, jan/abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505> Acesso em: 17 jun. 2022.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza; COSTA, Maria Aparecida Alves da; LEITE, Hugo de Oliveira. Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga: trajetória educativa e formação para a docência (1970-2015). **Momento: Diálogos em Educação**, Campo Grande, v. 31, n. 1, p. 203-227, jan/abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/13775> Acesso em: 11 jan. 2025.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTOS, Hanna Franklin; FREIRE, Vitória Chérída Costa. Biografia da professora Raquel Dias Araújo: um olhar sobre a docência universitária e a militância política. **History of Education in Latin America**, v. 3, p. 1-14, jan/dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/20562/12765> Acesso em: 11 jan. 2025.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade; NASCIMENTO, Lorena Brenda Santos. Biografia da educadora Josete Sales: reflexos da formação de professoras no Ceará. **Roteiro**, Joaçaba, v. 45, jan/dez. 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592020000100519 . Acesso em: 11 jan. 2025.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; HERNÁNDEZ DÍAZ, Jose María. Maria Zelma de Araújo Madeira: memórias de formação e resistências da docente universitária negra. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 20, p. 775-796, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/26441> Acesso em: 11 jan. 2025.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. Irmã Elisabeth Silveira e a educação feminina no Colégio da Imaculada Conceição, Fortaleza-CE. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 21, p. 191-316, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/27388> Acesso em: 11 jan. 2025.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; STASCXAK, Francinalda Machado; BRAVO, Susana Gavilanes; GABRIEL, Gilvete de Lima. Biografia de Alba de Mesquita Frota e a educação das moças no curso normal no início do século XX. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 44, n. 122, p. 60-71, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/mksS7Skq3CKgXK5kjQJzn3c/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 abr. 2025.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

IBGE. **Censo Monsenhor Tabosa**: Ceará. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/monsenhor-tabosa.html> Acesso em: 10 jan. 2025.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LOPES, Marciano. **Royal Briar, a Fortaleza dos anos 40**. 2. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

MAGALHÃES JUNIOR, Antônio Germano. **Vigilância, transgressão e “punição”**: memórias de ex-alunas de escolas católicas de formação de educadoras (1964-1969). 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

NASCIMENTO, Gabriel Alves do; MACHADO, Charliton José dos Santos; ALMEIDA, Aline Rodrigues de. Escritos e representações de Jandira Pinto: a reformuladora de Pindobal na Paraíba do século XX. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 3, n. 1, p. e313816, jan./abr. 2020. DOI: 10.47149/pemo.v3i1.3816. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3816> Acesso em: 28 abr. 2025.

OLIVEIRA, Adriana Nogueira de; SOUSA, Francisca Genifer Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Protagonismo de Ana Carolina Costa Pereira no campo da educação matemática. **Revista Cocar**, Belém, v. 15, n. 33, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4912> Acesso em: 11 jan. 2025.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 82, p. 57-88 mar./abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/DrWKHc9xpY9X9SmwK7K6wZw/abstract/?lang=pt> Acesso em: 15 jun. 2022.

PEREIRA, Godofredo. TV Educativa do Ceará. **Revista Comunicação Social**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 83-103, jul./dez. 1979.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. *In*: PRIORE, Mary del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578-606.

SANTOS, Elton Castro Rodrigues dos. As escolas reunidas como modalidade escolar: uma perspectiva de pesquisa em História da Educação. **Revista Diálogos**, Londrina, v. 1, n. 1, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/226> . Acesso em: 15 jun. 2022.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-42.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SILVA, Cíntia Lopes da; SOUSA, Ana Beatriz Alves Costa de; COSTA, Maria Aparecida Alves da. Reflexões acerca da escolarização e docência de Eunice Soares de Lima. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6214> Acesso em: 26 jun. 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da pátria**: história da escola primária no estado de São Paulo (1890 a 1976). Campinas: Mercado de Letras, 2010.

SOUZA, Célia Camelo de; ANDRADE, Maria Aparecida Fernandes de Sousa. Professora Marlene Piauilino: tecendo memórias e histórias. **Ensino em Perspectivas**, v. 3, n. 1, p. 1–9, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8949> . Acesso em: 28 abr. 2025.

SOUZA, Célia Camelo de; CAVALCANTE, Deiziane Lima. Fátima Correia: educadora aposentada e cordelista. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 2, n. 3, p. e233706, set./dez. 2020. DOI: 10.47149/pemo.v2i3.3706. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3706> . Acesso em: 28 abr. 2025.

STASCXAK, Francinalda Machado; PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; COSTA, Maria Aparecida Alves da. Caminhos teórico-metodológicos de pesquisas biográficas na perspectiva de gênero. *In*: FIALHO, Lia Machado Fiuza Fialho. **Biografias e histórias da formação de mulheres educadoras**. Fortaleza: EdUECE, 2023. Capítulo 1.

VASCONCELOS, Larissa Meira; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. Facetas da (im)potência viril na Revista Careta: educação e masculinidade no Estado Novo (1937-1945). **Acta Scientiarum: Education**. Maringá, v. 40, n. 4, p. 3-12, out./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/41145> Acesso em: 11 jan. 2025.

MINI BIOGRAFIA

Lia Machado Fiuza Fialho:

Doutora em Educação pela universidade Federal do Ceará. Pós-doutora em Educação pela Universidad de Cádiz, Espanha. Professora Associada da Universidade Estadual do Ceará. Centro de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará e coordenador do grupo de pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades.

lia_fialho@yahoo.com.br

Maria Aparecida Alves da Costa:

Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Pós-doutora em Educação da Universidade Estadual do Ceará. Professora Adjunta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará e vice coordenadora do grupo de pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades.

mariapedagoga99@gmail.com

Susana Loreto Gavilanes Bravo:

Doutora em “Estudios de género en Perspectiva Interdisciplinaria” pela Universidad Jaume I de Castellón de la Plana. Professora e Consejera Superior da Universidad Tecnológica Metropolitana.

susana.gavilanes@utem.cl